

## **Carisma e Política nas redes sociais: uma análise sobre as razões e sentimentos dos seguidores de Jair Messias Bolsonaro<sup>1</sup>**

Eduardo Henrique Araújo de Gusmão (UFCG/PB)  
Leonídia Aparecida Pereira da Silva (UFCG/PB)

**Resumo:** Na sétima legislatura e vinculado ao PSL, Jair Messias Bolsonaro é uma das principais lideranças políticas de um grupo que se define como liberal em economia e conservador nos usos e costumes. Os registros de aprovação do seu nome para o pleito de 2018, bem como as diversas pesquisas de opinião que o colocam como alternativa aos postulantes mais conhecidos da conjuntura nacional tem deixado jornalistas e estudiosos, intrigados. Nesse trabalho, percorremos depoimentos de lideranças públicas, mas também de influenciadores digitais, estes últimos, homossexuais, atuantes na construção de redes de apoio a Bolsonaro. Em nível teórico, retornamos às discussões clássicas e contemporâneas sobre o fenômeno carismático e a função exercida pelas emoções na construção do mundo social, com o intuito de compreender o alcance da referida aceitação. Por último, considerações atinentes aos dilemas do trabalho do antropólogo são apresentadas.

**Palavras-chave:** Carisma, Sentimentos, Política.

### **1 – Virilidade moral e as ciências sociais**

Em novembro de 2017, Magno Malta acompanhou Jair Bolsonaro em entrevista concedida à Rádio Cor da Vida, na cidade de Vitória/ES. O senador, na companhia de políticos e lideranças religiosas, dirige os seguintes comentários ao colega parlamentar:

“Deixa eu falar uma coisa aqui que é muito importante. As pessoas falam: Bolsonaro, Bolsonaro é um cara que não tem conhecimento. Ele não tem conhecimento de economia. Ele não tem conhecimento de educação. Não tem conhecimento na área de direitos humanos. Como é que vamos eleger um cara que não tem conhecimento, um cara que nunca foi gestor? Bom! Como eu estou na rádio e as pessoas estão me ouvindo, as pessoas não sabem definir ou discernir conhecimento de cultura. Alguns eu escuto, dizem assim: Mas Bolsonaro é um homem sem cultura. Bom, se cultura é ter passado pela faculdade, você é um cara que tem formação no exército, mas eu mesmo nunca passei no vestibular, e você tem formação universitária, duas. Então veja, mas é um homem sem cultura. O que é que é cultura e o que é que é conhecimento? O Serra é um homem que tem conhecimento de Economia.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de Dezembro de 2018, Brasília/DF.

Conhecimento é um poço profundo. Cultura é uma lâmina rasa de tudo. Cultura é quando você sabe um pouco de tudo. Tudo o que a pessoa falar você conversa. E eu tenho cultura, que eu conheço um pouco de tudo. Mas aí você fala assim, onde é que está o conhecimento de Bolsonaro? E aí? Não sei se Jesus te benze pra sorte do Brasil. O conhecimento é aonde tá a maior necessidade, que é a área da segurança pública. Onde que tá o conhecimento de Serra? Na segurança não, não conhece nada. Onde é que tá o conhecimento de fulano, de fulano? Na área de segurança? Não, ali ele não tem conhecimento. Ele pode ter cultura. Saber um pouco da violência que tá ali, tá. Então, para as pessoas que estão me ouvindo, cultura é você ser uma lâmina rasa e saber um pouco de tudo, conhecimento é um poço profundo. Então é o seguinte: onde é que tá o nosso poço profundo? O nosso poço profundo está na segurança pública. Eu digo com base no que houve no Espírito Santo. O Espírito Santo, a polícia parou por trinta dias. Quando ela parou, pararam as escolas, os postos de saúde e a população ficou trancafiada. Então veja, o drama do Brasil, além do drama moral, que é muito grande, e eu dizia lá, de todos eles é espiritual, a gente sabe disso, mas o drama moral é tão grande que as autoridades que estão colocadas aí, além de não ter conhecimento nessa área, elas são desmoralizadas, elas não tem moral pra fazer o enfrentamento. Veja bem, você não foi impulsionado por sentir um país violento, de bala perdida, de homens matando no meio da rua, travestidos de criança, fronteiras abertas, não foi isso que te impulsionou não? Eu acho que esse é um dos pontos fortes que a nação brasileira acabou se voltando, é, e começou a fazer essa coisa com o seu nome, fazendo o seu nome crescer e ferver, por causa da sua posição dura em relação a segurança pública. Não foi isso então onde está o seu poço profundo? Que é o seu conhecimento, onde a sociedade brasileira diz “é aqui que eu quero”, porque nesse conhecimento você tem a força... a viri.. é... a... como é que é? Ser viril, como é que é? Virilidade moral, eu nem sei se existe isso, mas inventei agora. Virilidade Moral! E ficou bacana. Virilidade moral, é força moral, pra poder enfrentar o crime, enfrentar a bandidagem, na sua determinação, saber que lugar de cidadão é na rua, das crianças e da família, e do bandido é onde ele escolheu ser, na cadeia ou no cemitério. Isso não te impulsionou? Porque imagino, sinto, vejo que a empolgação do povo brasileiro é nessa direção.”<sup>2</sup>

A presença de apelos emocionais nas retóricas de parlamentares indica importantes articulações entre a política, os sentimentos e os valores morais. Falamos de aproximações consideradas ilegítimas por certa narrativa da modernidade, já desconstruída. O século XX, no tocante ao manejo das reações emocionais das multidões, em diversos momentos deu demonstrações de afeto e confirmou a clássica tese

---

<sup>2</sup> Disponível no sítio <https://www.youtube.com/watch?v=Spu0SPMA4KQ>

*weberiana*, reveladora dos fundamentos éticos e portanto, irracionais de nossas apreensões do mundo.

Nesse sentido, como primeiro ponto a ser salientado em relação à intervenção de Magno Malta, poderíamos sublinhar a desenvoltura do senador no tocante ao manejo de argumentos bastante semelhantes aos utilizados pelos interessados na sociologia do conhecimento. Ora, como bem salientaram Peter Berger e Thomas Luckman, em termos ainda irretocáveis, falar em conhecimento há de ter sempre como resultado a constatação de que se trata de conhecimento a partir de uma certa posição. Será? Magno Malta, sociólogo do conhecimento? Qual é o problema? A própria sociologia, precisamente a de Werner Stark, nos tranquiliza quando afirma, em relação ao problema do conhecimento, ser a sua tarefa, não o desmascaramento ou a revelação de distorções socialmente produzidas, mas a reflexão sistemática das condições do conhecimento enquanto tal. Nessa cadência, as reflexões de Berger e Luckman (1985) ainda são mais radicais quando afirmam que “o problema central é a sociologia da verdade, não a sociologia do erro.”<sup>3</sup>

Ora, em torno de Jair Bolsonaro, a impressão que temos é a de haver muito mais folclore do que verdades, muito mais repulsa de nossa parte, pesquisadores, do que esforços de problematização e análise. As redes sociais rapidamente transformaram o seu nome em signo de sensibilidades: “sua vida é medíocre, sua cultura é tosca, suas atitudes, grosseiras, sua carreira militar, desqualificada, sua contribuição parlamentar, nula, partidariamente inconsistente, com linguajar chulo, de comentários impróprios à moral e completamente incompetente na diplomacia política.”<sup>4</sup>

Elemento estético, portanto. A teoria do conhecimento que lhe diria respeito parece ser constituída por sensações ou percepções emocionais mais cruas, irredutíveis a lógica. No entanto, a própria estética nos ensina que os seus elementos funcionam como signos de comunicação cuja semântica dá acesso ao imaginário coletivo, à ideologia.

A intervenção de Magno Malta facilita esse acesso. Nos últimos meses, jornais tem chamado a atenção para a necessidade de escutarmos com mais cuidado os argumentos comunicados pelos eleitores de Jair Bolsonaro. Em relação aos antropólogos, não sabemos muito bem se há disposição para essa escuta. Talvez, a nossa recusa possa ser explicada pelo fato de estarmos diante de verdades que “não são caseiras”, como bem

---

<sup>3</sup> Berger, P. & Luckman, T. A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis, Vozes, 1985. P. 26.

<sup>4</sup> Texto em circulação nas redes sociais.

salientado por Clifford Geertz, inclusive no destaque dado por seus argumentos ao medo: “Não há melhor tarefa para um estudioso do que destruir um medo.”<sup>5</sup>

Como tipo persuasivo de discurso, a fala de Magno Malta, precisamente o momento em que ressalta a “virilidade” como qualidade moral detida por seu colega para “fazer o enfrentamento” da violência, se apresenta como mensagem com elevada capacidade de ação sobre a transmissão do medo na opinião pública brasileira. Por esse ângulo, não estaríamos tão distantes das reflexões, ainda pertinentes e atuais de Marcel Mauss, dirigidas a magia: “É a opinião, portanto, que cria o mágico e as influências que ele libera. É graças à opinião que ele sabe de tudo, que ele pode tudo.”<sup>6</sup>

As palavras de Malta ritualizam sentimentos. Sua argumentação edifica um âmbito essencialmente simbólico, também salientado por Mauss no tocante às expressões obrigatórias de sentimentos com valor moral e força coletiva.<sup>7</sup> As emoções em circulação compõem uma totalidade socialmente construída e moralmente fortalecida, atinente a nossa vida política e suas ambiguidades, constituintes de um foro íntimo ávido pelo governo másculo e corajosamente autocrático, como nos ensina Gilberto Freyre.<sup>8</sup>

Acreditamos, portanto ser possível, mesmo diante da pronta recusa dos antropólogos, analisarmos a circulação e o conteúdo das razões e sentimentos, dirigidos a Jair Messias Bolsonaro e associados a sentidos e linguagens de aprovação e entusiasmo. Os dados são considerados em relação a dois eleitorados relativamente favoráveis ao candidato: homens homossexuais e mulheres. Em circulação nas redes sociais, dizem respeito a conteúdos encontrados em plataformas como *youtube*, *facebook*, *instagram*, entre outras. Tratamos então de um objeto que não está, necessariamente, em um lugar. Sua presença é difusa, espalhada, com apreensão fragmentada, limitações que caracterizam as reflexões a seguir.

## **2 – Lideranças públicas e influenciadores digitais**

Homem cordial da república dos bacharéis. Com mais intenções de voto entre eleitores com ensino superior<sup>9</sup>, Bolsonaro parece ser alguém cujas atitudes são medidas em parâmetros éticos profundamente emotivos, próximos do modelo estudado por

---

<sup>5</sup> Geertz, C. Nova Luz sobre a Antropologia. Rio de Janeiro, Zahar, 2001, p. 47.

<sup>6</sup> Mauss, M. Sociologia e Antropologia. São Paulo, Cosac & Naify, 2003. p. 77

<sup>7</sup> Mauss, M. Ensaio de Sociologia. São Paulo, Perspectiva, 1999.

<sup>8</sup> Freyre, G. Casa-Grande & Senzala. Rio de Janeiro, José Olympio, 1961, p.70.

<sup>9</sup> Reportagem do jornal Folha de São Paulo, de 22 de agosto d 2018.

Holanda.<sup>10</sup> Dá a impressão de fixar suas preferências no pessoal, no íntimo, no instintivo, como salientava o autor de Raízes, referindo-se aos nossos românticos. Legislador, no entanto não se comporta como um homem de palavras e livros. A propósito, jornalistas tem feito questão de lembrar os intelectuais, de importante detalhe a seu respeito: “ele fala para um brasileiro real que é ignorado pelo *mainstream* do pensamento brasileiro.”<sup>11</sup>

Nas redes sociais, esse personagem, eleitor e seguidor de Jair Bolsonaro, existe como adjetivo. À sua imagem são associadas classificações de “fascista”, “fundamentalista”, “racista”, entre outras. Ao mesmo tempo e de modo mais sóbrio, pesquisas tem buscado entender as razões do voto desse eleitor. Justificativas em termos de demandas por “mais segurança” e “menos privilégios” estão entre as avaliações encontradas nesse universo.<sup>12</sup> Em relação à segurança, pautas como as relacionadas ao estatuto do desarmamento e ao PL 5398/2013, o polêmico projeto da “castração química” de condenados pelo crime de estupro, catalisam sentimentos e preferências, como evidenciam as palavras de Carla Zambelli, no tumultuado evento realizado em setembro de 2016, no plenário da Câmara dos Deputados, em Brasília.<sup>13</sup>

“Bom dia a todos. Bom dia a mesa, à Senhora Presidente Maria do Rosário, e a todos os demais componentes da mesa, convidados. Quando uma mulher é violentada e vai até uma delegacia da mulher, ela é recebida por um delegado e muitas vezes... aliás, cem por cento das vezes, ela tem que voltar pra casa e encarar o seu algoz. Ela tem que voltar pra casa com a pessoa que a violenta. E isso acontece em todos os casos. Porque hoje o delegado de polícia, ele não tem nem o direito de estabelecer uma medida protetiva pra mulher. Quem estabelece essa medida protetiva é um juiz, que normalmente acontece depois de 30 dias. Nesses trinta dias, na maioria das vezes, a mulher é voltada, é... é... é violentada novamente, muitas vezes é estuprada, e nós conhecemos inclusive no mês passado uma mulher que teve seus dois olhos perfurados pelo marido que disse pra ela que ela não poderia mais enxergar o caminho da delegacia. É isso que acontece hoje com as mulheres que vão até a delegacia reclamar do abuso de seus maridos ou de outras pessoas que convivam com ela. Então, a Polícia Civil junto com outras pessoas propuseram um projeto que se chama PLC 07, que foi proposto pelo Senador

---

<sup>10</sup> Holanda, B. S. Raízes do Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 2016. p. 257.

<sup>11</sup> Jornalista Carlos Andreazza na Rádio Jovem Pan, publicada em outubro de 2017, disponível no sítio <https://www.youtube.com/watch?v=QbZZ7xyF8ec>

<sup>12</sup> Reportagem do jornal Folha de São Paulo publicada no dia 25 de março, de título “Mais segurança e menos privilégios para minorias: eleitores de Bolsonaro dizem por que votam nele”.

<sup>13</sup> No dia 14 de setembro de 2016 o plenário da Câmara dos Deputados reuniu-se em Comissão Geral para discutir o tema da “Violência contra mulheres e meninas, a cultura do estupro, o enfrentamento à impunidade e políticas públicas de prevenção, proteção e atendimento às vítimas no Brasil”. O registro em vídeo do referido evento encontra-se disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Na--eA7ou1w>

Aloysio Nunes, passou pelo Senado há pouco tempo, pra dizer o seguinte, que o delegado de Polícia Civil tivesse autoridade naquele momento que a mulher chegasse até a delegacia e pudesse estabelecer uma medida protetiva pra aquela mulher, pra que ela saísse da delegacia com a medida protetiva estabelecida. Pois bem, todos os partidos de esquerda foram contra esse projeto. Todos! PCdoB, PT, PSOL. Eu pergunto: que espécie de ajuda é essa pra mulher, que quando tem uma medida especial e efetiva pra proteger a mulher, eles são contra? Nos países islâmicos a cultura do estupro é verdadeira. A mulher, ela não pode nem sair com o rosto de fora, porque senão ela é estuprada, não é por um não. São por vários, no meio da rua. E a mulher, depois de ser estuprada, ela é impura. Ela não pode mais casar. Ela não pode mais fazer parte da sociedade e muitas vezes ela é apedrejada na rua. E essa cultura islâmica também pratica a mutilação do clitóris da mulher pra ela não ter mais prazer. Essa é a cultura islâmica. E nós temos aqui na câmara uma deputada que veio vestida com uma roupa, se chama cafia, que é uma apologia ao terrorismo islâmico, esse mesmo islamismo que mutila mulheres, estupra a mulher em público. Essa deputada chama Jandira Feghalli. Além disso, o último ponto, é que o estuprador hoje, depois que ele é preso, ele muitas vezes fica pouco tempo preso e logo em seguida ele é solto, e quando ele é solto na maioria das vezes ele volta a estuprar, na maioria das vezes! Pois bem, existe um projeto que acredito quem defende verdadeiramente que a mulher não seja estuprada, deveria aprovar esse projeto. Que mesmo livre, ele não pudesse voltar a estuprar. Esse projeto é o projeto de castração química do deputado Jair Bolsonaro, que também não é aprovado nem apoiado pelo PT, nem pelo PCdoB, nem pelo PSOL. E eu lhes pergunto: que espécie de apoio e de proteção à violência contra a mulher o PT, o PSOL, o PCdoB, os países de esquerda fazem que na hora que existe uma verdadeira, um verdadeiro projeto, que pode acabar com a violência contra a mulher, como é o caso da castração química, como é o caso da PLC 07, por quê o PT não apoia? E aí eu vou usar a mesma palavra que a deputada Maria do Rosário usou no começo, eu te faço um convite deputada Maria do Rosário, como você fez no começo. Apoia o projeto de castração química. Não é porquê é um projeto do Jair Bolsonaro que o PT não pode apoiar. Porque é um projeto que pode acabar efetivamente, efetivamente com a violência contra a mulher e com a cultura do estupro, que eu acredito que não existe no Brasil, mas já que vocês acham que existe. Se existir, ele pode acabar, com o projeto. Então apoie deputada. Esse é o pedido que lhes faço. Obrigada.”<sup>14</sup>

Na mesma sessão, Beatriz Kicis, Procuradora do Distrito Federal pontuou questões semelhantes:

---

<sup>14</sup> Carla Zambelli é candidata à Deputada Federal pelo Partido Social Liberal, no estado de São Paulo. No *facebook* se apresenta como fundadora e porta voz do movimento “Nas Ruas”, criado em 2011. Na referência que fez ao PLC 07, trata-se do Projeto de Lei da Câmara 07/2016 que “dispõe sobre o direito da vítima de violência doméstica, de ter atendimento policial e pericial especializado, ininterrupto e prestado, preferencialmente, por servidores do sexo feminino”, conforme ementa.

“... a cultura do estupro, por exemplo, muito me espanta eu como mulher, não creio que exista, tenho absoluta convicção de que no Brasil não existe uma cultura do estupro, como disse a Patrícia Bueno que me antecedeu, está sendo construída uma cultura de estupro. Na sociedade judaico cristã, o estupro sempre foi repudiado, todo estuprador, o estupro é punido, agora o problema no Brasil não é a cultura do estupro, é a cultura da impunidade, e aí nós vemos também mais uma vez uma luta contra a polícia militar, uma luta pela desmilitarização da PM, e essa luta faz com que todos nós brasileiros, homens, mulheres, brancos, negros, crianças, estejamos à mercê de criminosos, à mercê da impunidade. É isso que nós temos de combater, principalmente, a impunidade. E eu ouvi aqui também, oradores que me antecederam defender a ideologia de gênero, então eu pergunto, inclusive à sub-procuradora Débora Duprat, que se encontra presente no recinto e não mais na mesa, como é possível defender a ideologia de gênero e ao mesmo tempo dizer que isso é a defesa da mulher, como é possível defender que uma mulher, uma criança, uma adolescente esteja sujeita a usar o mesmo banheiro de um homem que diz se sentir mulher? Isso é defesa das mulheres? Como é difícil defender que crianças sejam sexualizadas, crianças de cinco, seis, sete anos, aprendam, sejam usadas num projeto de reengenharia social? Eu quero dizer que nós que defendemos as crianças, não podemos defender ideologia de gênero, a sua prática. O estudo da ideologia de gênero pode ser feito, é uma teoria que pode ser estudada como teoria, nunca colocada na prática, nas escolas. Ouvi também, oradores que me antecederam criticar a Escola sem Partido, chamando de lei da mordação. Essa é mais uma das falácias daqueles que não tem argumentos. Miguel Nagib, fundador do Escola sem Partido, tem desafiado qualquer pessoa que tenha entendimento, entendimento jurídico mínimo para debater onde está a inconstitucionalidade do Escola sem Partido que defende exatamente a pluralidade das ideias, simplesmente rejeita e repele que crianças sejam usadas como cobaias em projetos de reengenharia social. Então eu acho que se nós estamos aqui pra defender as mulheres pra impedirmos a violência, temos que começar com as nossas crianças, e eu fui vítima de uma violência muito grande, porque fui tratada, chamada pra CPI dos crimes cibernéticos em razão dos vídeos que faço como jurista, vídeos esclarecedores que provam que a maioria do brasileiro é conservador, as famílias, as famílias são conservadoras, mas quando nós defendemos as famílias somos tratados como fascistas e nós não somos minoria, as famílias não são minoria, os conservadores não são minorias, esta casa precisa representar maiorias e minorias... (momento sem áudio, de interrupção) as minorias merecem todo respeito nessa casa, e tem parlamentares que os representam com afinco, com muito vigor, e é isso que esses parlamentares tem que fazer em defesa das minorias, mas numa democracia quem prepondera e há de preponderar é a vontade da maioria, essa é a única forma, respeitando as famílias, respeitando pais, mães, filhos, crianças, adolescentes que nós realmente conseguiremos vencer a violência e principalmente apoiando a polícia, aqueles que nos defendem, acabar com a cultura da impunidade que as audiências de custódia tem promovido, a polícia prende, o juiz e o promotor fazem tudo, até soltar o bandido, assim nós não conseguiremos vencer a violência, muito obrigada.”<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Beatriz Kicis Torrents de Sordi, Presidente do Instituto Resgata Brasil e candidata à Deputada Federal pelo Partido Republicano Progressista, Distrito Federal.

Durante a sessão, as duas declarações salientaram divergências em relação a posicionamentos apresentados por representantes do Ministério Público, de movimentos sociais e parlamentares, principalmente no tocante a inconstitucionalidades decorrentes dos dois projetos de lei mencionados na intervenção de Carla Zambelli.<sup>16</sup> São empiricamente importantes nessa reflexão pelo modo como tratam o tema da violência. Como peças de argumentação, elaboram o problema da cultura do estupro no âmbito de uma “retórica de reação”, como define Hirschman em clássico estudo.<sup>16</sup>

Disparidades, por exemplo entre as intenções individuais e os resultados sociais são reveladas em formulações nas quais à legislação dirigida ao combate da “cultura do estupro” e às necessárias reflexões em torno das implicações legais dos respectivos dispositivos teríamos a “impunidade” como resultado e “efeito perverso”. Em outro momento, a defesa de projetos capazes de levar para as escolas discussões a respeito das dimensões civis da cidadania, como é o caso do debate sobre as identidades de gênero e a orientação sexual em ambiente escolar, são avaliados em termos das “ameaças” projetadas sobre a sociedade e suas instituições. Não lidamos com elaborações tão distintas das encontradas em outros momentos históricos, marcados por acirrados embates ideológicos. *Performances* discursivas que ritualizam o medo, a ironia, a raiva, o escárnio compõem o arsenal retórico utilizado por lideranças públicas, reacionárias e progressistas, quando sentem como ameaçadas as bases de sustentação da ordem social.

Em termos mais próximos de nosso argumento, falamos de retóricas moralmente engajadas em cujas manifestações constitui-se uma esfera simbólica de difícil compreensão, que precisa ser estudada principalmente em relação com dinâmicas políticas contemporâneas, especialmente aquelas que atualizam as reflexões *weberianas* e *durkheimianas* dirigidas ao carisma dos demagogos e a força moral neles investida. É a nossa preocupação, contemplada pelas considerações de Durkheim, ainda bastante atuais:

“Diz-se de um sujeito, individual ou coletivo, que ele inspira respeito quando a representação que o exprime nas consciências é dotada de tal força que, automaticamente, suscita ou inibe atos, *sem levar em conta qualquer consideração relativa aos efeitos úteis ou prejudiciais desses atos*. Quando

---

<sup>16</sup> Ao término de sua intervenção, o Promotor de Justiça do Distrito Federal Thiago André de Ávila ressaltou: “Muito rapidamente, só pra concluir, a posição da Magistratura, do Ministério Público, da OAB Federal, da Defensoria Pública e de todos os movimentos de mulheres do Brasil é que o PLC 07 presta um desserviço à proteção das mulheres, e o tema da castração química igualmente entra nessa seara que não se protegem direitos humanos através da violação de direitos humanos.”

<sup>16</sup> Hirschman, A.O. A retórica da intransigência: Perversidade, Futilidade, Ameaça. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

obedecemos a uma pessoa em razão da autoridade moral que lhe reconhecemos, seguimos seus conselhos, não porque nos pareçam sensatos, mas porque é imanente à ideia que fazemos dessa pessoa uma energia psíquica de um certo tipo, que dobra nossa vontade e a inclina no sentido indicado. O respeito é a emoção que experimentamos quando sentimos essa pressão interior e inteiramente espiritual produzir-se em nós. O que nos determina, então, não são as vantagens ou os inconvenientes da atitude que nos é prescrita ou recomendada, mas a maneira pela qual nos representamos aquele que nos recomenda ou prescreve tal atitude. Eis por que o mandamento se exprime geralmente em formas breves, categóricas, que não dão margem à hesitação: na medida em que é um mandamento e age por suas próprias forças, ele exclui toda ideia de deliberação e de cálculo e deve sua eficácia à intensidade do estado mental no qual é dado. É essa intensidade que constitui o que chamamos de ascendente moral.”<sup>17</sup>

A passagem por Durkheim necessita de ponderação. Ela se faz necessária em razão de considerarmos importante nos determos sobre o fenômeno carismático e suas interpretações, a fim de compreendermos certos aspectos de nossa cena política, precisamente aqueles relacionados ao entusiasmo dirigido a Jair Messias Bolsonaro. Entusiasmo alimentado pelo nome, na atual conjuntura possuidor de força, gerador de *mana*, designação de alguém que não parece estar preocupado em persuadir, detalhar ou provar, dinâmicas com fluxo obstruído nesse momento, mais próximas das situações rotineiras, comuns, distintas dessa outra linguagem dedicada a emocionar, agitar, suscitar a aprovação, realçar os sentimentos, estimular a criação de um certo tipo de energia, excessiva e com afluência moral, com força suficiente para vincular a experiência ordinária ao extraordinário, o íntimo ao que está fora.

Coletivamente, como demonstra Roberta Campos no exame da *performance* coletiva do líder, que reafirma a sua autoridade e põe o carisma que lhe diz respeito em circulação, através do nome de família, síntese do *self* carismático,<sup>18</sup> fortalecido na permanente relação com uma ideia cuja legitimidade emocional é profunda, a nacionalidade. O slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” e inúmeras outras frases, compartilhadas nas redes sociais em perfis de seguidores e lideranças, lançam alcance sobre a tese atinente à construção imaginada da nação, essa comunidade “intrinsecamente limitada e soberana” nos termos de Benedict Anderson.<sup>19</sup> Bordões como “Meu partido é o Brasil”, escrito no amarelo da camisa da seleção brasileira, manchada

---

<sup>17</sup> Durkheim, E. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo, Martins Fontes, 1996. p. 212.

<sup>18</sup> Campos, R.B.C. O profeta, a palavra e a circulação do carisma pentecostal. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2011, v.54, nº 2.

<sup>19</sup> Anderson, B. Comunidades imaginadas. São Paulo, Companhia das Letras, 2008, p. 32.

de sangue e no mesmo enquadramento da mão vermelha que segura uma faca marcada com a foice e o martelo, em uma clara alusão ao atentado sofrido por Bolsonaro em Juiz de Fora e à culpa do PT ou ainda, punhos cerrados pintados com as cores da bandeira ilustrando o texto “Força, Capitão! O teu Brasil está contigo!” são exemplos próximos do sentimento de “apego” que “os povos sentem pelas invenções das suas imaginações”, pertinente na explicação das razões pelas quais as pessoas se dispõem a morrer pela nação, gesto de grandeza moral, dirigido a quem lhe dedica amor sem interesses, esclarece Anderson.<sup>20</sup>

Falamos de uma afeição pela nacionalidade, contudo peculiar, influenciada por identificações com modelos de conduta e ideais, em muitos casos construídos em relação com outros países, como se verifica na constante referência aos Estados Unidos, marcador de exemplo, referência de lugar onde se pode trabalhar e usufruir da liberdade, esta entendida no clássico recorte liberal, com ênfase na capacidade empreendedora individual. É o caso de muitos *influencers* digitais, *youtubers*, *blogueiros*, figuras públicas como Karol Eller, Smith Hays, Enzo Leonardo Suzin Momenti entre outros, homossexuais declaradamente favoráveis a Jair Bolsonaro em posicionamentos compartilhados em diversos vídeos, por nós compreendidos no mesmo sentido apontado por Campos no tocante aos “mecanismos de comodificação” do carisma, que põem em circulação a mensagem carismática, seus símbolos, argumentos e imagens de modo empresarial e através de “uma lógica que não é estranha à sociedade de consumo.”<sup>21</sup>

A *youtuber* Karol Eller, residente nos Estados Unidos, faz parte desse grupo de jovens homossexuais conservadores, muitas vezes definidos como “Gays de Direita”, cujos posicionamentos são contrários aos da chamada “agenda LGBT”, considerada incapaz de representá-los por estar “monopolizada pela esquerda”, como salienta essa *influencer* em vídeo publicado em abril de 2016, de título “Pq uma lésbica seria Bolsonaro?”:

“Ei galerinha, tudo bom com vocês? É... pra explicar aqui, pra alguns dos meus seguidores que devem tá agora se perguntando por quê que uma lésbica seria a favor do Bolsonaro. Eu sou sim a favor do Bolsonaro por quê em momento algum eu vejo que... essas coisas que o pessoal tenta manchar a figura do Bolsonaro dizendo que ele é contra os gays. Eu não vejo nenhuma palavra saindo da boca dele, ele falando que odeia os gays. Eu acho que ele como eu também repudia o ativismo. Eu também sou contra o ativismo. Então

---

<sup>20</sup> Cf. Anderson. Op.Cit. p. 199-202.

<sup>21</sup> Cf. Campos. Op. Cit. p. 1019.

ele não é contra mim, por quê eu não sou uma gay ativista, eu sou uma gay que eu vivo a minha vida, eu acho que tem muitos gays também que querem viver as suas vidas sem perturbar ninguém, eu sou desse tipo, eu acho que a minha sexualidade não é da conta de ninguém, não tem que ser exposta pra ninguém e ninguém tem que dar pitaco, ou seja, eu não tenho problema nenhum quando Bolsonaro se refere aos gays ativistas por quê eu não me incluo nesse pacote, né? Então é isso aí. Sim, eu sou Bolsonaro. Tamo junto e misturado, fora PT, fora Dilma, fora Lula e se vocês quiserem parar de me seguir porquê é minha opinião e eu tô segurando pra falar até agora, cês podem parar, mas eu acho que o melhor para o Brasil nesse momento que estamos vivendo, um cara aí que tem uma ficha limpa, é Bolsonaro. Um beijo no coração de vocês, Karol Eller.”<sup>22</sup>

Em seu canal diversifica o conteúdo com vídeos onde aborda temas, ora relacionados a política, como os vários registros de entrevistas com lideranças como Marco Feliciano, Eduardo Bolsonaro, o próprio Jair Bolsonaro e outros, ora trata de costumes, em comentários onde ataca, por exemplo a exibição de cenas de sexo entre homossexuais em novelas da globo, exibidas, em sua opinião com o único intuito de alavancarem audiência.

O *youtuber* Enzo Leonardo Suzin Momenti amplia o conjunto das razões do voto em Bolsonaro, pelo público homossexual, em vídeo publicado no canal ENZUH em junho de 2018:

“Ai, ai, youtube, como é que eu vou te explicar isso daqui? Eu sou sempre o mais honesto possível com vocês, eu espero que ninguém se revolte, que ninguém fique triste, que não tenham gays que fiquem triste com o que eu vou falar, que não tenham fãs do Bolsonaro que fiquem triste com o que eu vou falar, mas quando eu vejo falarem do Bolsonaro, é sempre uma propaganda como se o cara fosse uma única dimensão, né? Então eu vejo pessoas na esquerda ou pessoas mesmo que não entendem nada de política que falam isso, como é que você pode votar no Bolsonaro, cara? Você é gay, o cara falou que não gosta de gays, que gay é pecado, que gay é doença, alguma coisa assim que não vai ter um filho gay, como você pode Enzuh, como é possível se o cara for eleito ele vai fazer campo de concentração, ele vai colocar homossexuais lá, ele vai nos colocar na fogueira, ele vai nos prender e vai nos caçar, eu falo: porra! Ou... é o lado oposto, Bolsonaro é um mito, Bolsonaro é um herói, Bolsonaro é o cara mais foda do mundo, nunca que ele falaria algo contra homossexuais, ele é perfeito, ele é divino, tá? Então assim, sempre tem uma propaganda envolvida e é sempre de uma única dimensão, o fato é que a maioria das pessoas não gosta de homossexuais, a maioria, a maior parte do nosso país acha que ser gay é pecado, a gente vive num país de maioria católica, uma país que tá sempre preocupado com o que

---

<sup>22</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=33-EwICl784>

os outros estão fazendo da vida. Então, quando eu vejo o Bolsonaro, eu só vejo mais um brasileiro comum. Falam como se ele fosse, nossa, o cara mais mal do mundo, nazista, machista e aí tem um monte de vídeos hoje graças a propaganda do PSDB, fake news contra ele, umas mulher falando tô com Bolsonaro, tô com Bolsonaro, bom, eu, como gay, também tô com Bolsonaro. Deixa eu explicar aqui pra vocês. Existem dois tipos de políticos, tá, pra quem tá perdidão no mundo, existem dois tipos. O socialista e o capitalista. O socialista é aquele que quer aumentar os impostos, é aquele que quer taxar as fortunas dos outros, é aquele que quer aumentar o Estado, quer aumentar o controle estatal, que estatizar, esse é o socialista, é aquele cara que faz isso com a desculpa que vai ajudar os pobres, sendo que é o pobre que acaba pagando a conta depois, do leite, da cerveja, da fralda, seja o que o pobre for comprar ele vai pagar a conta depois, né? E tem os candidatos capitalistas. Entre os candidatos capitalistas, Bolsonaro é o único que tem chances reais de ser eleito. O que é que é o candidato capitalista? Ele quer fazer o oposto do que o socialista quer fazer. Ele quer privatizar, ele quer diminuir os impostos, ele quer diminuir as taxações, basicamente ele quer nos deixar em paz. Tudo, tudo que os homossexuais querem é o capitalismo. Desculpa se você é um homossexual que foi enganado pelo socialismo, mas saiba que no socialismo não vai ter iphone, não vai ter bolsa gucci, não vai ter versace, não vai ter computador, não vai ter nada que você queira comprar de legal, né? Não vai ter turismo, não vai ter balada gls, então eu sonho com o país de Las Vegas né? Eu queria que meu país virasse Las Vegas, que fosse muito bonito, que fosse cheio de luzes, de dinheiro, cheio de pessoas gastando dinheiro, que as pessoas sejam respeitadas, que você tenha liberdade individual, maravilha, né? Será que eu vou conseguir isso votando num candidato socialista? Eu pessoalmente acho que não. Então, eu vejo Bolsonaro com as relações que ele teve no passado falando sobre os homossexuais como a maior besteira do mundo, completamente sem importância. Sem importância nenhuma. O fato é, ele é um candidato capitalista, ele quer pra o meu país a mesma coisa que eu quero para o meu país. Sim, ele tem algumas divergências, ele é um conservador, uma pessoa mais importada com a vigilância do indivíduo, mas eu acho que tudo isso é de campanha, cara. Sinceramente, é pra campanha mesmo, falar: eu vou acabar com as drogas, eu vou acabar com o aborto, eu vou acabar com as prostitutas, eu vou acabar com tudo que é ilegal, imoral nesse mundo. É, vai, tá bom, sim âhhã, tô acreditando. Pra mim, isso é mais uma maneira de conseguir voto, principalmente nessa parcela católica, nessa parcela que é muito religiosa, é mesmo, gay é pecado, é mesmo, as drogas vão acabar com o mundo, oh as prostitutas tem que acabar com elas, oh meu Deus, ai meu Deus. Essa parcela da população, já tá com Bolsonaro, entende? Então, eu vejo sempre como uma maneira estratégica dele conseguir votos, as propagandas, as propostas dele, não tem nenhuma proposta que seja econômica. Vejam os vídeos sobre as propostas econômicas do Paulo Guedes, tem aqui no canal, vou deixar o link aqui na descrição. Quando você analisa o Bolsonaro, ele é o melhor candidato, da perspectiva econômica, eu sei que muitas pessoas vêm falar: ah, mas economia não é tudo. Pra mim é cara. Se a população tá miserável, se a população tá ali, passando fome, as chances dela

se tornar criminosa é maior, as chances delas recorrerem as drogas é maior, as chances delas recorrerem a prostituição é maior, as chances delas recorrerem a jogos ilegais também é maior, se a população tá indo bem, se tiver todo mundo com comida no prato, se tiver todo mundo feliz, aí esses problemas todos eles diminuem, drasticamente, drasticamente, então pra mim sim a economia é o foco principal, é o motivo porque eu apoio o Bolsonaro, porque eu vou votar no Bolsonaro, porque eu me filiei ao PSL, porque eu sou pré-candidato a Deputado Estadual em São Paulo, eu quero ver o meu país mais capitalista, eu quero ver as pessoas com dinheiro no bolso, eu quero ver as pessoas com trabalho, eu quero que as pessoas sejam felizes, sem que o Estado fique roubando delas e fique prometendo dar pra alguém, o Estado Robin-Hood que a gente sabe que só vai parar na Lava-Jato, só vai parar nesses caciques, nesses marajás, então é hora de mudança, é hora de tentar à direita, vamos tentar o capitalismo, a gente já tentou o socialismo por décadas no nosso país, tudo o que culminou foi em crise, então vamos votar em quem, na Marina Silva só porque ela, ah ela é a candidata dos pretos, ela é a candidata das mulheres, ela é a candidata dos gays? Certo, será? É tão importante assim ser candidata dos gays? Acho muito mais importante ser candidato do brasileiro, o candidato do dinheiro, o candidato que vai diminuir os impostos, o candidato que vai diminuir o Estado, o candidato que vai dar autonomia aos estados, que a gente mais precisa, se você quiser mudar as leis do seu estado, tem que começar por autonomia nos estados, ou a gente vai depender de pessoas que sentam em Brasília que nunca viram o próprio estado que ele tá falando, nossos estados, então eu voto Bolsonaro, eu apoio Bolsonaro, é claro né, depois que você faz isso, as pessoas vão te chamar de Bolsominion, você é um fascista, você é um taxista, você é um machista, você é um homofóbico, tudo que eles tiverem num dicionário eles vão te chamar cara, tá? E assim, mesmo que você diga aí, mesmo que você fale, Olha eu apoio Bolsonaro porque ele é o melhor candidato, não tem outro candidato, ah Bolsominion, Bolsominion, é militante, é militante, nº 1, você procura na internet é militante... ahhh... tudo que a gente quer é Gucci, até a próxima, tchau, tchau.”<sup>23</sup>

### **3 – Mana, Carisma e as dificuldades da Antropologia**

O apoio de frações do eleitorado feminino e de parte da comunidade homossexual à agendas de extrema-direita como as de Jair Bolsonaro, muito embora provoque perplexidade, vai ao encontro de movimentações ocorridas nos Estados Unidos, em países da Europa e da Ásia, em diferentes momentos do século XX. No tocante ao envolvimento feminino, pesquisas esclarecem que não se trata de um fenômeno novo, a julgar, por

---

<sup>23</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Mwt9aGbnRlo>

exemplo o histórico de apoio massivo dado por mulheres a movimentos nacionalistas de supremacia racial, ao fascismo e ao nazismo. Na atualidade, essas tendências tem revelado a capacidade de lideranças políticas com inclinações separatistas de cooptarem linguagens progressistas, historicamente relacionadas com movimentos de luta por igualdade de direitos e justiça, como se verifica na crescente mobilização parlamentar feminina em diversos países europeus na direção de ampliar as barreiras legais diante de fluxos migratórios que poderiam colocar em risco a preservação das liberdades públicas nas sociedades ocidentais.<sup>24</sup>

Semelhante configuração abriga o eleitorado homossexual europeu, alcançado por frentes que defendem os direitos ligados às liberdades individuais, como o casamento gay, ao mesmo tempo que definem os muçulmanos como ameaça civilizatória em um cenário relativamente semelhante ao encontrado nos Estados Unidos, onde igualmente se verifica nos últimos anos mobilizações coletivas que buscam ir além da chamada *identity politics* através de estratégias difundidas em páginas como a *LGBTrump – Gays for Trump*.<sup>25</sup>

Posicionamentos semelhantes aos defendidos pela influenciadora digital Karol Eller nas repetidas críticas dirigidas em seu canal ao que ela chama de “ativismo gay”, frequentemente apresentado como uma militância refém de uma agenda identitária, limitada na capacidade de responder à questões sociais mais amplas, como as salientadas por Magno Malta, Carla Zambelli e Beatriz Kicis, anteriormente. Se no registro de Eller, suas palavras divergem de maneira mais clara da proposta ativista, os argumentos de Momenti o fazem indiretamente, com justificativas pela preferência por Bolsonaro feitas a partir do ideário liberal, em sintonia com movimentos sociais surgidos nos últimos anos, inspirados no liberalismo econômico europeu.

Mesmo fragmentados ao longo desse artigo, os quatro depoimentos concentram os temas que nos últimos anos catalisaram as transformações no clima político do país. As pautas defendidas por lideranças como Carla Zambelli e Beatriz Kicis reorganizam as linhas de força de movimentações em defesa, nos termos de Ronaldo Almeida, de uma “moralidade pública mais reguladora, uma economia menos estatizante, mais favorável ao mercado e uma política de segurança mais repressiva e punitiva.”<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> Cf. “Why are women joining far-right movements, and why are we so surprised?”, disponível no site “[www.opendemocracy.net](http://www.opendemocracy.net)”

<sup>25</sup> Cf. “Como a extrema-direita francesa conquistou o apoio de grande parte da população gay”. Revista Época, junho de 2018.

<sup>26</sup> Almeida, R. Os deuses do parlamento. Novos Estudos. CEBRAP. Dinâmicas da Crise. Junho, 2017.

Razões, portanto. Mas, e os sentimentos? Impulsionado por palavras como “honra”, moral” e “ética”, impressas nas estampas das camisas dos seus seguidores em inúmeros eventos nos últimos anos, o entusiasmo dirigido à mensagem do candidato à presidente Jair Messias Bolsonaro é um fato, ao nosso ver, com força o suficiente para justificar uma análise do quadro político atual em confronto com as reflexões dirigidas ao carisma e a essa outra palavra síntese, encontrada nos estudos de Durkheim e Mauss, materializada ao mesmo tempo como força, ação e estado, a noção de *mana*.

Adiantamos, contudo que ao falarmos em carisma, o fazemos em reflexões ainda vulneráveis aos riscos decorrentes de conceitos imprecisos e de fenômenos de difícil apreensão, obstáculos que caracterizam as cenas em análise e provocam algumas perguntas: lidamos com um conceito válido para a explicação das dinâmicas políticas contemporâneas? Retóricas carismáticas as de Jair Bolsonaro e seus seguidores? Populistas? Do que estamos falando, portanto?

É necessário ressaltarmos uma característica desse universo, transformado em campo de pesquisa recentemente, as redes sociais, canais de transmissão da indignação e da esperança, conforme apontado por Castells<sup>27</sup>, contudo, igualmente capazes de afetarem a geografia pública em prol da intimidade, da privacidade, das questões particulares que dizem respeito às massas revolucionárias de nossa época, quadro que atualiza o diagnóstico feito por Richard Sennett<sup>28</sup> a respeito do declínio do homem público, ao nosso ver uma percepção ainda pertinente no esforço de explicação das crises políticas das sociedades democráticas.

À questão colocada acima, respondemos que sim. O conceito de carisma possui importância e novas sínteses precisam ser elaboradas. Nesse sentido, avaliamos como necessária a interpretação das palavras, emoções, imagens que fortalecem o nome ora detentor de autoridade por meio de linguagens carismáticas, e da mesma forma, consideramos válido o retorno às considerações *durkheimianas* dirigidas aos “afluxos de energia” gerados pela “ação estimulante da sociedade”<sup>29</sup>, aquelas experiências cujas sensações, como bem ressalta Durkheim, não resultam apenas de circunstâncias excepcionais.

---

<sup>27</sup> Castells, M. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro, Zahar, 2013.

<sup>28</sup> Sennett, R. O declínio do homem público: as tiranias da intimidade. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

<sup>29</sup> Cf. Durkheim. Op.cit. p. 216.

O reconhecimento, atinente a essa ressalva, feito por William Mazzarella<sup>30</sup> é importante para nós: muito embora Durkheim dê a impressão de estar exageradamente preocupado com as formas primitivas de efervescência coletiva, com as atitudes rituais de tribos australianas e americanas, a importância de sua análise decorreria do olhar cuidadoso que lança sobre as forças vitais atuantes em todas as sociedades humanas, da menor à mais complexa, do seu alcance sobre vínculos que envolvem desde as interações face-a-face até as relações mediadas pelas tecnologias de massas.

O referido autor atualiza a perspectiva *durkheimiana* de modo pertinente: quais seriam as implicações para a teoria social se reconhecêssemos haver uma continuidade substancial entre o *mana* fortalecedor dos rituais estudados nas formas elementares e aquele, claro, diferentemente articulado, encontrado nas massas urbanas, nas audiências televisivas, nas redes sociais? A questão referente ao modo como poderíamos problematizar essa influência, encontrada seja na publicidade das marcas ou na força do fascínio gerada por políticos carismáticos ou autoridades tradicionais, permanece em aberto.

Na companhia dessa outra questão: a que diz respeito ao *mana* de ideias, retóricas e ideologias racistas e nacionalistas, capazes de oferecer aos que a elas aderem vínculos de solidariedade, compartilhados ao custo da abjeção da diferença, como questiona Mazzarella<sup>31</sup>:

“But what about the mana of say, racist or nationalist ideologies that offer their adherents a sense of common energy and solidarity at the cost of abjecting an other? Knowing what we know about murderous forms of collective effervescence, from the centralized cults of fascism to the decentralized networks of global terror, do we need a different way to understanding the dynamic movement of what Durkheim’s nephew, the polymath Marcel Mauss, called the “collective forces of society?””

Para o autor, haveria uma limitação na abordagem do fenômeno social como uma força moral, coletiva, fonte ao mesmo tempo de nosso compromisso com a vida em comum e geradora de nossas faculdades morais, elaborada pela escola sociológica francesa, inclusive reconhecida pelo próprio Mauss em carta.<sup>32</sup>

---

<sup>30</sup> Mazzarella, W. *The mana of mass society*. The University of Chicago Press, Chicago, 2017.

<sup>31</sup> Cf. Mazzarella. *Op.cit.* p. 2.

<sup>32</sup> Citada na importante biografia “Emile Durkheim: His life and Work – A historical and critical study”. Em cartas dirigidas a S. Ranulf e escritas em 1936 e 1939, Mauss afirma, com arrependimento: “Durkheim, and after him, the rest of us are, I believe, those who founded the theory of the authority of the collective

No entanto, é possível colocarmos Durkheim contra Mazzarella, já que o primeiro dirige comentários a desdobramentos passionais que brotam de determinados períodos históricos marcados por uma “efervescência geral”,<sup>33</sup> materializada em atos “violentos, desmesurados”.

Excesso, portanto. Traço constituinte do carisma que emana do nome Bolsonaro e da época que o projeta. Na avaliação de Pankaj Mishra, tempos marcados por conjunturas cujas razões políticas e econômicas, para muitos parecem opacas e inseguras diante de emoções como medo, fúria e frustração, sensações difusas, fortalecidas e rentáveis politicamente.<sup>34</sup> Sensibilidades que tem pautado certa expressão acusatória dos sentimentos, frequente na esfera pública brasileira nos últimos anos, disseminada nas redes sociais e em nossa leitura, componentes de um *carisma de reação* cujas expressões parecem rejeitar o que não pode ser diretamente experimentado, por afirmarem a crença no imediato, no imanente, no empírico, de modo semelhante ao destacado por Sennett em suas reflexões sobre a falta de civilidade no manejo carismático da política nas sociedades democráticas modernas.<sup>35</sup>

À ponderação de Magno Malta sobre a “virilidade moral”, seguem-se inúmeras outras racionalizações que pautam a ambiência política brasileira e estabelecem os sentidos constituintes da imagem desse personagem Jair Messias Bolsonaro, e o fazem através de linguagens *carismáticas*, com forte ressonância *emocional* e *reativa*. Reconhecemos igualmente as implicações relacionadas principalmente com a delicada, porém imprescindível aproximação da antropologia com sentimentos e ímpetos situados na fronteira do moralmente condenável.

Cautela necessária. As colocações e posicionamentos dessa figura pública, frequentemente, e de modo explícito a colocam como um dos principais representantes de uma crise de cordialidade que se propaga, em meio a mudanças em curso no Brasil

---

*représentation*. One thing that, fundamentally, we never foresaw was how many large modern societies, that have more or less emerged from the middle ages in other respects, could be hypnotised like Australians are by their dances, and set in motion like a children’s roundabout. This return to the primitive had not been the object of our thoughts. We contented ourselves with several allusions to crowd situations, while it was a question of something quite different. We also contented ourselves with proving that it was in the collective mind that the individual could find the basis and sustenance for his liberty, his Independence, his personality and his criticism. Basically, we never allowed for the extraordinary new possibilities... I believe that all this is a real tragedy for us, too powerful a verification of things that we had indicated and the proof that we should have expected this verification through evil rather than a verification through goodness.”

<sup>33</sup> Cf. Durkheim. Op.cit. p. 216.

<sup>34</sup> Mishra, P. Age of anger. Penguin Books, Great Britain, 2017.p. 19.

<sup>35</sup> Cf. Sennett. Op. cit. p. 338.

nos últimos cinco anos. Muitas de suas falas e pronunciamentos, a exemplo dos episódios com a Deputada Federal Maria do Rosário, e tantos outros disponíveis em diversos sites de compartilhamento de vídeos, o tornam uma expressão humana repugnante. Essas circunstâncias exigem do pesquisador competência metodológica para saber lidar com as dificuldades decorrentes do trabalho antropológico e do encontro com uma alteridade cujas manifestações a aproximam do moralmente inaceitável.

Julgamos necessária essa última ponderação por termos passado por situação semelhante à relatada por Simon Coleman<sup>36</sup>, quando confrontado por colegas a respeito de suas pesquisas sobre a teologia da prosperidade entre evangélicos pentecostais. Em nosso caso, fomos questionados de modo análogo: “Carisma? Bolsonaro? Por que vocês estudam esse tipo de bobagem?”

Em termos epistemológicos, essas situações são muito importantes. Estabelecem paralelos com o deslocamento comentado por Joel Robbins em relação à antropologia, quando esta passa a se afastar gradativamente, durante os anos de 1990, de uma perspectiva disposta a sondar e problematizar as diferenças culturais, na direção de agendas moralmente identificadas com os sujeitos de pesquisa estudados, caracterizadas pela presença nos relatos etnográficos do chamado *suffering subject*, nos termos de Robbins “the subject living in pain, in poverty, or under conditions of violence or oppression.”<sup>37</sup> Para Robbins, uma modificação na maneira como a antropologia passou a se relacionar com aqueles que estudava: substituindo a compreensão da diferença como desdobramento do distanciamento analítico e da comparação crítica pela identificação empática, testemunho moral da ideia de unidade humana.

Concordamos com Robbins no tocante ao retraimento do alcance reflexivo da antropologia, resultante dessa mudança de orientação. No mesmo sentido são dirigidas as críticas de Keane, quando situam a falsa premissa diante da qual a antropologia da ética precisaria se afastar: essa que previamente julga as pessoas como essencialmente boas e se distancia do esforço de descrição e problematização etnográficas das ideias do bem e do mal, culturalmente situadas.<sup>38</sup> Ora, muito embora a cultura, o objeto de nossas análises, se materialize em parâmetros normativos, a ciência que praticamos coloca a norma sob

---

<sup>36</sup> Coleman, S. Borderlands. Ethics, ethnography and repugnant christianity. HAU: Journal of Ethnographic Theory. 2015.

<sup>37</sup> Robbins, J. Beyond the suffering subject: toward an anthropology of the good. Journal of the Royal Anthropological Institute, 2013.

<sup>38</sup> Keane, W. Freedom, reflexivity and the sheer everydayness of ethics. HAU: Journal of Ethnographic Theory, 2014.

escrutínio, como salientam Júnior, Campos e Gusmão a respeito de problemas semelhantes encontrados na antropologia do pentecostalismo: “... ao invés de definir o modo como deve ser o debate na esfera pública entre crentes e cidadão seculares, o fazer antropológico coloca sob escrutínio as próprias noções que informam o conflito, a exemplo das ideias de religião, crença, cidadania, laicidade, esfera pública, entre outras concepções que comunicam as gramáticas morais de vários dilemas da contemporaneidade.”<sup>39</sup>

Como lidamos com avaliações e julgamentos diariamente reafirmados na vida cotidiana, à antropologia não cabe estabelecer de maneira prévia o que a ética deve ser. É essa a recomendação de Keane ao lembrar que tanto o racismo como a homofobia são temas de análise, em razão de serem justificados ética e moralmente, logo, pesquisas que porventura prefiram a compreensão apenas dos modos de vida daqueles com os quais o pesquisador concorda e ignorem a alteridade repugnante, dificilmente farão jus ao título de trabalho antropológico.<sup>40</sup> Nos termos de Didier Fassin, o risco seria o de precipitarmos as ciências sociais na direção de um “resvalamento compassivo”, comovente, contudo incapaz de tornar legível “a ordem ou a desordem do mundo”.<sup>41</sup>

Desafios como esses estão na ordem do dia da antropologia brasileira, ainda com muitas dificuldades diante do esforço de interpretação das tensões sócio-políticas dos últimos anos. Crises decisivas, tanto na consolidação da imagem desse personagem, Jair Messias Bolsonaro, como na conquista de relevância de seus seguidores e influenciadores, porta-vozes de sentimentos que ganharam publicidade e cujas expressões precisarão ser compreendidas pelas ciências sociais. Ao término desse ensaio, reconhecemos: estamos falando do medo, da esperança, do ódio, do ressentimento, emoções para as quais a antropologia precisará se dirigir se quiser justificar sua relevância em tempos sombrios.

---

<sup>39</sup> Júnior, C.M., Campos, R.B.C., Gusmão, E.H.A. Antropologia e filosofia política: uma relação estranha? Ou como analisar controvérsias entre cidadãos seculares e religiosos em uma democracia liberal. Debates do NER. Nº 32, 2017.

<sup>40</sup> Cf. Keane. Op.cit. p.444.

<sup>41</sup> Fassin, D. A questão moral: uma antologia crítica. Campinas, Editora da Unicamp, 2018. p.437.